

EXCERTO DE

ANA DE LONDRES

(...) «Acha, portanto, que me devo ir embora, professor?» «Acho, Ana, acho mesmo! Vai para outras paragens, afasta-te o mais possível destes ares pestilentos, mortíferos do nosso lindo país. Avança na floresta, mistura-te na sua folhagem dourada, trepa ao cimo das mais altas árvores, avista a Terra inteira e observa, repara agora, aqui do alto, como o teu país te negou. Vês aqueles bonecos de neve, gelados, que te examinam sempre por uma nesga, por uma fenda da janela dos infernos? São eles que te odeiam, a mim, a todos. E, no entanto, temem -nos. Parecem cheios de força e eternos, mas não são. Um dia vamos derretê-los e chuparemos e beberemos a sua água de lama como os vampiros bebem, ávidos, o sangue.» Ana entendeu perfeitamente o que o professor lhe dizia, até porque ela própria há muito tinha entendido o tempo em que vivia, o deserto seco que tinha de atravessar todos os dias, as ruas mortas de Campo de Ourique, as lojas escuras, as pessoas sem graça, viúvas de uma vida inteira, o confronto diário com os pais, boas pessoas mas desamparadas e sós como todos os pais que conhecia. E agora estas cenas de despedida, os amigos a desaparecer, o namorado João Filipe, a mentira das escolas e aqueles professores tão serenos e seguros como pequenas imagens de igreja que vivem em todas as paredes de todas as casas, de todos os prédios, do bairro todo, da cidade inteira. De dentro da pastelaria Tentadora, de algum pequeno rádio numa prateleira, confundido nas garrafas redondinhas de Laranjina C e no mistério castanho do líquido Canada Dry, ouve -se um noticiário macio, logo após quatro sinaizinhos sonoros, agudos como picadas de agulha, uma voz macia, São doze horas. Muito boa tarde, senhores ouvintes. Do cais de Alcântara partiu hoje rumo à Guiné Portuguesa mais um contingente dos nossos soldados, apostados que estão em defender os nossos territórios de além -mar. Partiram alegres e confiantes. Foram abençoados pelo cardeal-patriarca de Lisboa e apadrinhados pela esposa de S. Exa. o Presidente da República, o qual fez um eloquente discurso enaltecendo as virtudes, a coragem e a bravura destes rapazes sem igual. Poderão os senhores ouvintes apreciar um resumo do referido discurso no noticiário desta noite, pelas vinte horas. Os olhos amarelos de Ana cruzaram -se com os do professor. Ele sorria-lhe e ela estremeceu e sentiu uma energia irrefreável, percebeu toda a confusão de hábitos, maneiras e costumes dos quais, pensou ela, mesmo que desapareça, jamais se poderá esquecer. (...)

